

A TRANSVERSALIDADE  
DA EXPRESSÃO PLÁSTICA  
NO JARDIM DE INFÂNCIA

# // ficha técnica

colaboração neste número

ANA MARIA FERNANDES, ANA ÂNGELO, LAURA ABADE,  
MAFALDA CAPUCHO, CELINA MADEIRA, GRAÇA BORRALHO,  
ROSÁRIO GONÇALVES, ISABEL GIL, PAULA FIGUEIREDO

direção

MANUEL PINA

coordenação

ALCINA MENDES, ANA MARIA FERNANDES

conceção gráfica

ANTÓNIO NEVES

edição

CFAECIVOB

CENTRO DE FORMAÇÃO DE ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOS CONCELHOS  
DE ÍLHAVO, VAGOS E OLIVEIRA DO BAIRRO

ESCOLA SECUNDÁRIA DA GAFANHA DA NAZARÉ - APARTADO 82  
3834-908 GAFANHA DA NAZARÉ

TELEFONE 234 390 896

GERAL@CFAECIVOB.PT  
WWW.CFAECIVOB.PT

ISSN 2182-1658

# “conteúdos

01

apresentação

- 03 **NOTA INTRODUTÓRIA**  
ALCINA MENDES, CONSULTORA DE FORMAÇÃO DO CFAECIVOB

fundamentação

- 04 **A EXPRESSÃO PLÁSTICA NO JARDIM DE INFÂNCIA**  
ANA MARIA FERNANDES, FORMADORA

- 06 **GUIA PARA LEITURA DOS TRABALHOS**  
ANA MARIA FERNANDES, FORMADORA

práticas

- 18 **TRABALHO 1**  
ANA ÂNGELO, FORMANDA

- 19 **TRABALHO 2**  
LAURA ABADE, FORMANDA

- 20 **TRABALHO 3**  
MAFALDA CAPUCHO, FORMANDA

- 21 **TRABALHO 4**  
CELINA MADEIRA, FORMANDA

- 22 **TRABALHO 5**  
GRAÇA BORRALHO, FORMANDA

- 23 **TRABALHO 6**  
ROSÁRIO NAIÁ, FORMANDA

- 24 **TRABALHO 7**  
ISABEL GIL, FORMANDA

- 25 **TRABALHO 8**  
PAULA FIGUEIREDO, FORMANDA

recursos

- 26 **BIBLIOGRAFIA COMENTADA**  
ANA MARIA FERNANDES, FORMADORA

cadernos

**COS**

a transversalidade  
da expressão  
plástica no  
jardim de  
infância

# “nota introdutória

TEXTO: ALCINA MENDES

03

Na continuidade do projeto editorial do CFAECIVOB – Centro de Formação de Associação de Escolas dos Concelhos de Ílhavo, Vagos e Oliveira do Bairro – concretiza-se o número cinco de *Cadernos*.

Nesta publicação destaca-se a importância de garantir que a educação promove o desenvolvimento da expressão artística das crianças em idade pré-escolar.

A revista revela vivências formativas de um grupo de educadoras que se propôs refletir, aprofundar e experienciar os desafios da *transversalidade da expressão plástica no jardim-de-infância*.

Formadora e formandas são, portanto, as autoras dos conteúdos que se publicam.

A formadora começa por expor qual foi o enquadramento concetual da ação, assim como os seus objetivos. Apresenta, em seguida, uma breve súmula das técnicas e dos princípios que orientaram a realização dos trabalhos da formação.

Descobre-se, assim, que a formadora selecionou dois contos para ativar a concetualização dos projetos pedagógicos das educadoras. Torna-se então imperativo (re)ler *Sábios como Camelos* de José Agualusa e *Os Gnomos de Gnu* de Umberto Eco.

Nestes contos o leitor encontrará as chaves que lhes permite analisar as opções criativas de cada formanda. Mas também, eventualmente, experimentar o seu próprio percurso reflexivo e criativo, pois... *se fosse eu, que frase ou ideia escolheria? o que faria? e que técnicas utilizaria?...*

Sem mais delongas, e tomando as palavras que encerram o conto de Umberto Eco, porque é que não *lançamos mãos à obra e não começamos* a explorar os desafios formativos documentados neste *Cadernos*?



# "a expressão plástica

TEXTO: ANA FERNANDES \*

## introdução

*Ana Maria Benardete Fernandes concluiu o curso de Educadores de Infância na Escola Normal de Educadores de Infância de Coimbra e o curso de Complemento de Formação Científica e Pedagógica para Educadores de Infância na Universidade de Aveiro.*

*Desde 1982 tem lecionado em vários jardins de infância, sendo, atualmente, docente do Agrupamento de Escolas de Ílhavo. Ao longo da sua carreira tem desempenhado funções de Coordenadora do Departamento Pré-escolar, membro da Comissão de Avaliação do Conselho Pedagógico e membro do Conselho Geral.*

*É formadora acreditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua desde 2014.*

É objetivo Pedagógico da Educação Pré-escolar desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo.

A Educação Pré-escolar é a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida e, por isso, deverá criar condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, promovendo a sua autoestima, a sua autoconfiança e desenvolvendo competências que permitam que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos.

É, pois, importante proporcionar espaços e tempos que favoreçam a formação integral e harmoniosa da imaginação criadora da criança. Neste contexto a educação artística mostra-se imprescindível.

Tendo consciência da importância da expressão plástica no jardim-de-infância e da sensibilidade do Educador a esta questão, o programa de formação visou o desenvolvimento de saberes e competências nesta área, levando os destinatários da formação a beneficiar de um enriquecimento pessoal e profissional e a melhorar as suas práticas pedagógicas.

Com esta formação pretendeu-se ainda promover momentos de troca de ideias e experiências que contribuíssem eficazmente para a preparação e desenvolvimento das atividades enquadradas no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Ílhavo, designadamente melhorar os níveis de desempenho das crianças, de modo a atingir as metas, os valores e os princípios definidos pelo Agrupamento.



# no jardim de infância

## objetivos gerais

- > ***Dotar os docentes de conhecimentos e competências essenciais em diversas áreas e técnicas da expressão plástica;***
- > ***Promover a exploração de diferentes técnicas e materiais;***
- > ***Sensibilizar para o desenvolvimento da dimensão estética e da capacidade de observação;***
- > ***Partilhar saberes, experiências e sensibilidades;***
- > ***Produzir materiais exemplificativos da aplicação da Expressão Plástica nas diversas áreas de conteúdo;***



TEXTO: ANA FERNANDES

# guia

## para a leitura dos trabalhos

### desenvolvimento da ação

Esta ação de formação desenrolou-se ao longo de nove sessões.

As sessões teóricas contemplaram a análise e discussão dos objetivos, metodologia e avaliação, a partilha de saberes e experiências, a reflexão sobre os assuntos e a análise de conteúdos. Estimulou-se a sensibilização para o desenvolvimento da dimensão estética e da capacidade de observação, explorando conteúdos através da visualização de obras de arte de artistas clássicos, modernos e contemporâneos e de espaços que nos levam a estar atentos às diferentes expressões da Arte.

Nas sessões práticas fez-se a exploração e utilização de materiais, assim como a exploração e utilização de diferentes suportes.

Desenvolveram-se técnicas de pintura, de colagem e de modelagem com diferentes pastas, a reciclagem de papel e experimentaram-se diferentes abordagens plásticas com estes materiais. Explorou-se igualmente a arte do *origami*.

Por fim realizou-se um trabalho de grupo que consistiu na ilustração de um pequeno texto. Neste propósito foram proporcionadas duas histórias: *Sábios como camelos*, de José Agualusa, e *Os gnomos de Gnu*, de Umberto Eco. Cada formanda escolheu uma frase de uma das histórias e ilustrou-a com as técnicas exploradas na formação, num mínimo de três.

Os materiais produzidos poderão ser utilizados com as crianças no Jardim de Infância. São exemplos de estratégias promotoras da criatividade e da autoexpressividade nas crianças e a aplicabilidade da Expressão Plástica em diferentes áreas de conteúdo.





### PINTURA SOBRE PAPEL VEGETAL

*Desenhar com marcador de cor escura em papel vegetal.*

*Virar a folha.*

*Pintar com marcadores os espaços.*



*Amachucar papel vegetal.*

*Alisar o papel.*

*Pintar com lápis de cera toda a superfície do papel (não usar papéis muito grandes).*

07

## técnicas e suportes

**As técnicas e os suportes usados na formação foram muito diversificados e tiveram em conta as capacidades expressivas e a possibilidade de utilização por crianças da faixa etária do ensino pré-escolar.**

### PINTURA COM TINTA EM PÓ



*Rasgar jornal aos bocados.*

*Molhar a folha de papel onde se vai fazer a pintura.*

*Colar bocados do jornal na folha.*

*Deitar tinta em pó de várias cores sobre toda a folha.*



*Deitar pingos de tinta na mesa.*

*Deitar tintas em pó sobre os pingos de água.*

*Deslizar uma folha sobre os pingos.*

## PASTA DE PAPEL

*Rasgar o papel em tiras.*

*Cortar as tiras em pedaços.*

*Mergulhar em água quente, deixar de molho durante 24h e triturar.*

*Coar a pasta, deixando-a pouco líquida.*

*Acrescentar cola (por cada folha dupla de papel de jornal, uma colher de cola).*

*Amassar com as mãos.*

*Voltar a coar, apertando com as mãos até que fique uma massa consistente.*

*A pasta trabalha-se com os dedos, batendo devagar.*

*Para cortar e marcar usar uma espátula ou um palito.*

*Para pintar esperar que esteja bem seca.*



## PINTURA COM BOLAS DE SABÃO

*Misturar detergente líquido com água e tinta em pó.*

*Soprar para fazer bolas.*

*Passar a folha de papel pelas bolas de sabão.*

*Repetir várias vezes e com cores diferentes.*



## PINTURA MÁGICA

*Riscar ou desenhar com lápis de cera/ cera de vela na folha de papel.*

*Passar uma aguada de marcadores ou de corante alimentar por cima.*



## PINTURA EM FOLHA DE ALUMÍNIO

*Pintar com os dedos, usando tintas (guache) de várias cores, sobre a folha de alumínio.*



09



## PINTURA COM CORDÉIS

*Dobrar a folha ao meio.*

*Colocar cordéis na tinta (guache). Se for preciso ajudar com o pincel.*

*Abrir a folha de papel e deixar cair os cordéis numa das metades da folha.*

*Deixar ficar a ponta dos cordéis de fora.*

*Dobrar o papel e fazer pressão sobre os cordéis.*

*Desdobrar e retirar os cordéis.*

*Usar cordéis de várias grossuras e usar várias cores.*



### PINTURA COM GIZ

*Desenhar com giz sobre cartolina preta ou de cor escura (também podemos usar papel de cores).*

*Para fixar o giz pode usar-se laca, verniz em spray ou cola.*



### PLASTICINA

*Usar plasticina de várias cores, uma base lisa (um CD, um prato, um azulejo...).*

*Utilizando a técnica do rolinho e da bolinha, com a plasticina, fazer uma composição em cima da base escolhida, pressionando a plasticina para aderir à base.*



### PASTEL SECO

*Desenhar com lápis de pastel seco sobre papel.*

*Esbater o desenho com os dedos.*

*Para fixar o giz pode usar-se laca, verniz em spray ou cola branca aguada.*



### PINTURA EM ACETATO

*Pintar com os dedos sobre o acetato com tinta (guache).*

*Fazer desenhos.*

*Colocar uma folha de papel sobre a pintura e retirar (monotipia).*



### PINTURA COM ESPONJAS

*Pintar com tintas (guache) usando esponjas ou outros materiais sobre papéis ou cartolinas.*



### PINTURA COM LÁPIS DE AGUARELA

*Desenhar com lápis de aguarela sobre papel branco.*

*Passar por cima com um pincel molhado em água.*

*Deixar secar.*

*Fazer pormenores com lápis de várias cores.*



### PINTURA COM BERLINDES

*Colocar a folha numa caixa.*

*Colocar um berlinde dentro da tinta (guache).*

*Tirar o berlinde para a caixa.*

*Agitar para mover o berlinde sobre a folha.*

*Repetir com várias cores.*



### PINTURA COM PENTE

*Deitar tinta de várias cores (guache) sobre o papel.*

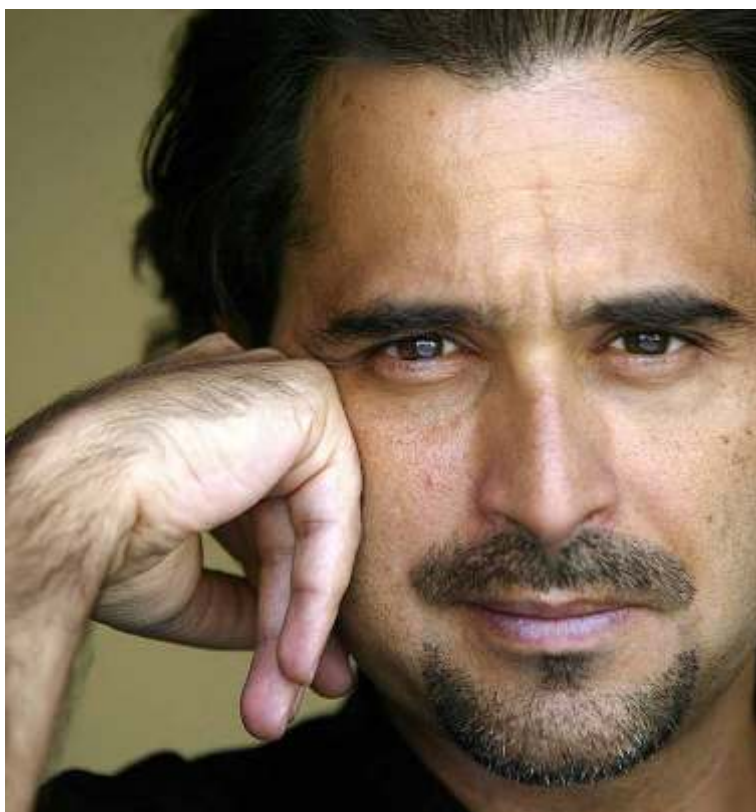
*Passar um pente sobre a tinta em várias direções.*



### COLAGEM COM PAPEL DE SEDA

*Pincelar o papel branco com cola (gel ou branca misturada com um pouco de água).*

*Colar pedacitos de papel de seda. Esta técnica pode ser usada noutros materiais (vidro, louça).*



José Eduardo Agualusa  
Foto de Jorge Simão



# sábios como camelos

**Há muitos anos viveu na Pérsia um grão-vizir – nome dado naquela época aos chefes dos governos -, que gostava imenso de ler.**

*Sempre que tinha de viajar ele levava consigo quatrocentos camelos, carregados de livros, e treinados para caminhar em ordem alfabética. O primeiro camelo chamava-se Aba, o segundo Baal, e assim por diante, até ao último, que atendia pelo nome de Zuzá. Era uma verdadeira biblioteca sobre patas.*

*Quando lhe apetecia ler, o grão-vizir mandava parar a caravana e ia de camelo em camelo, não descansando antes de encontrar o título certo.*

*Um dia a caravana perdeu-se no deserto. Os quatrocentos camelos caminhavam em fila, uns atrás dos outros, como um carreirinho de formigas. À frente da cáfila, que é como se chama uma fila de camelos, seguia o grão-vizir e os seus ministros. Subitamente o céu escureceu, e um vento áspero começou a soprar de leste, cada vez mais forte. As dunas moviam-se como se estivessem vivas. O vento carregado de areia, magoava a pele. O grão-vizir mandou que os camelos se juntassem todos, formando um círculo. Mas era demasiado tarde. O uivo do vento abafava as ordens. A areia entrava pela roupa, enfiava-se pelos cabelos, e as pessoas tinham de tapar os olhos para não ficarem cegas. Aquilo durou a tarde inteira. Veio a noite e quando Sol nasceu o grão-vizir olhou em redor e não foi capaz de descobrir um único dos quatrocentos camelos. Pensou, com horror, que talvez eles tivessem ficado enterrados na*



areia. Não conseguia imaginar como seria a vida, dali para a frente, sem um só livro para ler. Regressou muito triste ao seu palácio. Quem lhe contaria histórias?

Os camelos, porém, não tinham morrido. Presos uns aos outros por cordas, e conduzidos por um jovem pastor, haviam sido arrastados pela tempestade de areia até uma região remota do deserto. Durante muito tempo caminharam sem rumo, aos círculos, tentando encontrar uma referência qualquer, um sinal, que os voltasse a colocar no caminho certo. Por toda a parte era só areia, areia e ar seco e quente. À noite as estrelas quase se podiam tocar com os dedos.

Ao fim de quinze dias, vendo que os camelos iam morrer de fome, o jovem pastor deu-lhes alguns livros a comer. Comeram primeiro os livros transportados por Aba, ou seja, todos os títulos começados pela letra A. No dia seguinte comeram os livros de Baal. Trezentos e noventa e oito dias depois, quando tinham terminado de comer os livros de Zuzá, viram avançar ao seu encontro um grupo de homens. Eram as tropas do grão-vizir.

Conduzido à presença do grão-vizir o jovem guardador de camelos, explicou-lhe, chorando, o que tinha acontecido. Mas este não se comoveu:

- Eras o responsável pelos livros - disse -, assim, por cada livro destruído passarás um dia na prisão.

O guardador de camelos fez contas de cabeça, rapidamente, e percebeu que seriam muitos dias. Cada camelo carregava

quatrocentos livros, então quatrocentos camelos transportavam cento e sessenta mil! Cento e sessenta mil dias são quatrocentos e quarenta e quatro anos. Muito antes disso morreria de velhice na cadeia.

Dois soldados amarraram-lhe os braços atrás das costas. Já se preparavam para o levar preso, quando Aba, o camelo, se adiantou uns passos e pediu licença para falar:

- Não façais isso, meu senhor - disse Aba dirigindo-se ao grão-vizir - esse homem salvou-nos a vida.

O grão-vizir olhou para eles espantado:

- Meu Deus! O camelo fala!...

- Falo sim, meu senhor - confirmou Aba, divertido com o incrédulo silêncio dos homens - Os livros deram-nos a nós, camelos, a ciência da fala.

Explicou que, tendo comido os livros, os camelos haviam adquirido não apenas a capacidade de falar, mas também o conhecimento que estava em cada livro.

Lentamente enumerou de A a Z os títulos que ele, Aba, sabia de cor. Cada camelo conhecia de memória quatrocentos títulos:

- Liberta esse homem - disse Aba -, e sempre que assim o desejares nós viremos até ao vosso palácio para contar histórias.

O grão-vizir concordou. Assim, a partir daquele dia, todas as tardes, um camelo subia até ao quarto para lhe contar uma história. Na Pérsia, naquela época, era habitual dizer-se de alguém que mostrasse grande inteligência:

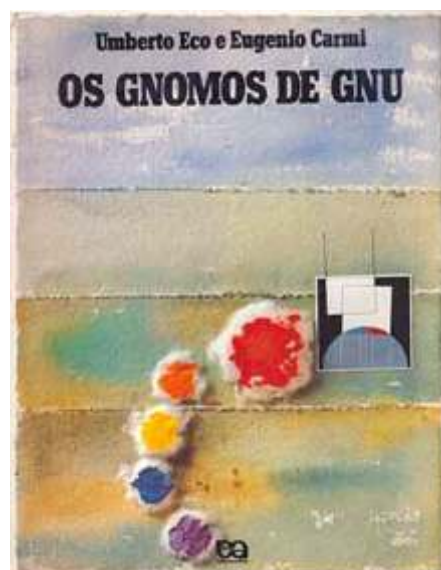
**- Aquele homem é sábio como um camelo.**

Isto foi há muito tempo. Mas há quem diga que, quando estão sozinhos, os camelos ainda conversam entre si.

Pode ser.

# os gnomos de gnu

*uma aventura ecológica*



- Que espécie de Imperador serei eu – bradava ele -, se os meus navios não descobrirem um novo continente, onde abundem o ouro, a prata e as pastagens, e para onde eu possa levar a nossa civilização?

Os seus Ministros responderam-lhe: - Mas, Majestade, já não existe nada para descobrir aqui na Terra. Veja o globo!

- E aquela ilha pequenina, ali? – perguntava ansiosamente o Imperador.

- Bem, se a puseram no globo, é porque já foi descoberta há muito tempo – retorquiram os Ministros.

– Talvez até já lá tenham construído um complexo turístico. E, além disso, os navegadores hoje já não viajam pelos mares à procura de novos continentes e ilhas! Hoje visitam galáxias em astronaves!

- Nesse caso – insistiu teimosamente o imperador -, enviem um explorador Galático que me descubra pelo menos um pequeno planeta habitado!

E assim o Explorador Galático (EG para os amigos) vagueou durante muito tempo pelo espaço imenso em busca de um planeta que pudesse ser civilizado.

Mas só encontrava planetas cheios de vulcões que cuspiam fogo para o céu, mas nem vestígios de planetas aprazíveis e habitados.

Até que um dia, nos confins da galáxia, para onde tinha apontado o seu megatelescópio megagalático, o EG viu uma coisa maravilhosa...

Um lindo planetazinho, com um céu muito azul salpicado de leves nuvens fofas e brancas, com vales e florestas tão verdes que era um prazer olhar para eles.

Ao aproximar-se do planeta, viu que nos seus vales saltitavam graciosos animais das mais variadas espécies, enquanto uns homenzinhos minúsculos, um bocadinho ridículos mas muito engraçados, andavam a podar as árvores, a dar de comer aos pássaros, a desbastar as ervas, ou então nadavam tranquilamente em rios e regatos de águas tão transparentes que se podia ver lá no fundo uma infinidade de peixes multicolores.

O EG aterrou, desceu da sua astronave e viu aproximarem-se alguns daqueles homenzinhos, que lhe sorriam e se





Umberto Eco  
Fonte: <https://en.wikipedia.org/>

apresentaram: - Bom dia, forasteiro, nós somos os gnomos de Gnu, que é o nome do nosso planeta. E o Senhor, quem é?

- Eu – disse o EG, - sou Explorador Galático do Grande Imperador da Terra e vim descobrir-vos!

-Olha que coincidência – respondeu o chefe dos gnomos -, e nós que julgávamos que tínhamos sido nós a descobri-lo!

- Não – replicou EG -, sou eu que vos estou a descobrir, porque nós, lá na Terra, não sabíamos da vossa existência, e sendo assim tomo posse deste planeta em nome do meu Imperador, para vos trazer a civilização.

- Para dizer a verdade – respondeu por sua vez o chefe dos gnomos -, nós também não sabíamos que vocês existam. Mas não vamos discutir por uma coisa tão insignificante, para não estragarmos este dia. Diga-nos antes, que civilização é essa que nos quer trazer e quanto custa?

- A civilização – respondeu o EG, - é uma quantidade de coisas maravilhosas que os terrestres inventaram e que o meu Imperador está pronto a oferecer-vos inteiramente de graça.

- Se é grátis – responderam os gnomos muito contentes -, ficamos já com ela. Mas, desculpe-nos se insistimos... sabemos que a cavalo dado não se olha o dente... mesmo assim gostaríamos de fazer uma pequena ideia de como é a vossa civilização. Com certeza que compreende.

O EG resmungou um bocado, porque na escola tinham-lhe ensinado que quando os exploradores de outros tempos levavam a civilização a uma nova terra, os indígenas aceitavam-na sem protestar. No entanto, como se sentia muito orgulhoso da civilização da Terra, foi buscar o seu megatelescópio megagalático à nave, apontou-o na direção do nosso planeta e disse:

- Venham e vejam com os vossos próprios olhos!

- Que máquina! Que tecnologia! – exclamaram os gnomos deslumbrados, admirando o megatelescópio megagalático e, à vez todos eles espreitaram lá para dentro para ver a Terra.

- Mas eu não vejo nada – disse o primeiro gnomo de Gnu -, só vejo fumo!



O EG também olhou, depois desculpou-se:

- Enganei-me e aponte para uma cidade. É que, com todas aquelas chaminés de fábricas, os escapes dos camiões e dos automóveis... há um bocado de fumo.

- Compreendo – disse o gnomo -, nós aqui também não conseguimos ver os cumes daquelas montanhas quando o tempo está nublado... Mas talvez amanhã esteja bom tempo e se consiga ver essa coisa a que o senhor chama cidade.

- Receio que não – respondeu o EG -, hoje em dia o fumo já nem aos domingos desaparece.

- Que pena – disse o gnomo.

- Que água é aquela, tão negra no centro e tão castanha nas margens? – perguntou o segundo gnomo.

- Oh! – respondeu o EG. – Devo ter apontado para o mar. Sabem, é que os petroleiros naufragam no mar alto e o petróleo espalha-se à superfície, e perto das margens fazem-se todas aquelas descargas que ninguém controla e que acabam por ir ter ao mar... como hei de dizer... todas aquelas coisas horríveis que os homens deitam fora...

- Quer dizer que o vosso mar está cheio de caca? – perguntou o segundo gnomo, e todos os outros gnomos se riram, porque, quando um dos gnomos de Gnu dizia “caca”, todos os outros se riam.

O EG ficou calado e o segundo gnomo murmurou:

- Que pena!

- E o que é aquela enorme área cinzenta com coisas esbranquiçadas, sem árvores e cheia de embalagens vazias? – perguntou o terceiro gnomo.

Depois de ter dado uma olhadela, o EG explicou:

- É o nosso campo. Bom, admito que cortámos demasiadas árvores e é verdade que as pessoas têm o mau hábito de

deitar fora sacos de plástico, caixas de bolachas e frascos de doce...

- Que pena – disse o terceiro gnomo.

- E o que são todas aquelas caixas de metal enfileiradas na estrada?

- São automóveis, um dos nossos melhores inventos. Servem para irmos muito depressa de um lugar para outro...

- E porque é que estão parados? – perguntou o gnomo.

- Aa... – respondeu o EG embaraçado, - é que há muitos automóveis a mais e muitas vezes o trânsito fica engarrafado...

- E aquelas pessoas estendidas na berma da estrada, quem são? – perguntou ainda o gnomo.

- São pessoas que ficaram feridas quando o trânsito não estava engarrafado, por irem demasiado depressa...

- Já percebi – disse o gnomo -, quando aquelas vossas caixas são de mais, não andam, quando andam, as pessoas que vão lá dentro magoam-se. É realmente uma pena...

O chefe dos gnomos interveio então:

- Desculpe, senhor Descobridor – disse -, acho que não vale a pena vermos mais nada. Talvez a sua civilização tenha muitos aspetos muito interessantes, mas se a trazer para aqui perderemos os nossos prados, as nossas árvores, os nossos rios, e ficaremos pior do que estamos. Não se importava de não nos descobrir?

- Mas temos montes de coisas fantásticas! – disse o EG melindrado. – Por exemplo, quantos hospitais é que vocês têm aqui? Nós temos hospitais estupendos!

- E para que servem os hospitais? – perguntou o chefe dos gnomos, depois de ter espreitado pelo megatelescópio.

- Vê-se logo que vocês são primitivos! Servem para curar os que estão doentes.

- E porque é que as pessoas ficam doentes? – perguntou o chefe dos gnomos.

O EG estava muito irritado:

- Ora francamente! Vê aquele senhor ali? Fumou demasiados cigarros e agora vamos transplantar-lhe os pulmões porque os dele estão completamente negros. E aquele outro? Tomou uma coisa a que nós chamamos droga, e no hospital estão a tentar curá-lo de todas as infeções que apanhou por usar seringas sujas. E àqueles ali, estão a pôr-lhe uma perna de plástico porque foi atropelado por uma mota. E a este estão a fazer uma lavagem ao estômago porque comeu alimentos contaminados. É para tudo isto que servem os hospitais! Não vos parece uma excelente invenção?

- Como invenção – respondeu o chefe dos gnomos -, não tenho nada a dizer. Mas como nós não fumamos cigarros, não tomamos drogas nem usamos seringas, não andamos de mota e comemos alimentos fresquíssimos que crescem nas nossas hortas e nas nossas árvores, entre nós muito poucas pessoas ficam doentes e basta um bom passeio nas montanhas para se curarem. Ouça lá, senhor Descobridor, tive uma ideia que me parece ótima. Porque não vamos nós descobrir-vos lá na Terra?

- E depois? – perguntou o EG, que no fundo começava a sentir-se um tanto embaraçado.

- E depois nós somos excelentes a cuidar de prados e jardins, a plantar árvores novas e a tratar das velhas que estão quase a cair, púnhamo-nos a recolher todo aquele plástico e todas aquelas latas, e dávamos um jeito nos vossos vales. Fazíamos filtros de folhas para as vossas chaminés, explicávamos às

pessoas da Terra como é bom passear sem ir sempre de carro, e assim por diante, e talvez dentro de alguns anos a vossa Terra pudesse ficar tão bonita como o planeta Gnu.

O EC estava mesmo a ver os gnomos de Gnu em ação, e não podia deixar de imaginar como a sua (e a nossa) Terra ficaria de novo bonita.

- Está bem – concordou. – Volto para o meu planeta e falo com o meu Imperador.

Regressou então à Terra e contou a sua história ao Imperador e aos Ministros.

Mas o Primeiro-Ministro levantou logo um problema: - Quanto a deixar vir esses gnomos de Gnu, temos que pensar muito bem. É necessário que tenham passaporte, que paguem o imposto de imigração, o papel selado, e além disso precisam da autorização da polícia urbana, dos guardas florestais e da capitania do porto...

Mas, enquanto falava, o Ministro escorregou numa pastilha elástica que o outro Ministro tinha deitado para o chão, partiu as pernas, os dentes, o queixo, o nariz, o ombro, a cabeça e os dedos ficaram tão profundamente enfiados nas orelhas que nunca mais ninguém conseguiu tirá-los. Na grande confusão que se seguiu, o Ministro foi atirado para a rua, onde caiu no passeio, no meio dos sacos do lixo que há muito não eram recolhidos, e ali ficou a cobrir-se de poluição e a respirar os gases dos escapes dos automóveis.

De momento a nossa história termina aqui e pedimos desculpa por não podermos dizer que desde então todos viveram felizes e contentes. É que ninguém sabe se alguma vez os gnomos de Gnu obterão permissão para vir à Terra. Mas mesmo que não venham, porque é que não lançamos mãos à obra e não começamos nós a fazer aquilo que teriam feito os gnomos de Gnu?



# trabalho 1

ANA ÂNGELO, FORMANDA

## técnicas utilizadas

Pinturas mágicas:

*fundo e nuvem superior*

Pintura com giz sobre cartolina preta:

*megatelescópio (no canto superior esquerdo)*

Pintura com tinta em pó:

*nuvem inferior e olhos e pés do EG*

Pintura de pente sobre acetato:

*boca do EG e arbusto do planeta*

Pintura com berlindes:

*arbustos do planeta*

Colagem com papel de seda:

*árvores do planeta*

Pintura com esponjas:

*corpo do EG*

Plasticina sobre CD:

*planeta*

18



**Até que um dia, nos confins da galáxia, para onde tinha apontado o seu megatelescópio megagalático, o EG viu uma coisa maravilhosa...**

# trabalho 2

LAURA ABADE, FORMANDA

## técnicas utilizadas

Pintura mágica  
Pintura de berlindes  
Pintura em acetato  
Pintura com esponjas  
Modelagem

19



*À noite as estrelas quase se podiam tocar com os dedos.*

# trabalho 3

MAFALDA CAPUCHO, FORMANDA

## técnicas utilizadas

Pintura com tinta em folha branca, recorte e colagem em cartolina preta

Tinta em tubo: *lava*

Pintura com giz em cartolina escura

Recortar em papel formas de nuvens, colocá-las sobre o papel, esfregar os bordos do papel recortado com pó de giz, ou esfregar o giz e esbatê-lo com os dedos

Recorte e colagem: *pedaços de papel; papel canelado e de pasta de papel*

Origami em papel

Pintura com esponja: *folhas das árvores*



***Mas só encontrava planetas cheios de vulcões que cuspiam fogo para o céu....***

***Um lindo planetazinho, com um céu muito azul salpicado de leves nuvens fofas e brancas, com vales e florestas tão verdes que era um prazer olhar para eles.***

# trabalho 4

CELINA MADEIRA, FORMANDA

## técnicas utilizadas

Pintura mágica  
Pintura com berlines  
Pintura com pente  
Pintura com esponja  
Modelagem  
Origami

21



***À noite as estrelas quase se podiam tocar com os dedos.***

# trabalho 5

GRAÇA BORRALHO, FORMANDA

## técnicas utilizadas

Pintura mágica  
Desenho/ pintura em papel vegetal  
Pintura com bolas de sabão  
Desenhos/ pinturas com giz  
Pintura de pente  
Pintura em acetato  
Colagem com papel de seda  
Pasta de papel

*Um lindo planetazinho, com um céu muito azul salpicado de leves nuvens fofas e brancas, com vales e florestas tão verdes que era um prazer olhar para eles.*





# trabalho 6

ROSÁRIO NAIA, FORMANDA

## técnicas utilizadas

CD decorado com plasticina:

*nave espacial*

Pintura com lápis de aguarela:

*céu e floresta*

Pintura com tinta em pó:

*flores*

Papel reciclado:

*encosta*

Decalque com lápis de cera:

*copas das árvores*

Água sobre pintura com caneta de feltro:

*troncos das árvores*

colagem de papel de seda, pintura com café,

barro/ terracota:

*extraterrestre*



**Um lindo planetazinho, com um céu muito azul salpicado de leves nuvens fofas e brancas, com vales e florestas tão verdes que era um prazer olhar para eles.**

# trabalho 7

MARIA ISABEL GIL, FORMANDA

## técnicas utilizadas

Desenho e pintura com giz, sobre cartolina preta:

*gnomo*

Colagem de tecido:

*botas, botões e bolsos*

Papel reciclado colado:

*fato, saltos e pontas das botas*

Pintura com esponja:

*cabelo*

24

**... uns homenzinhos minúsculos, um bocadinho ridículos mas muito engraçados.**



# trabalho 8

PAULA FIGUEIREDO, FORMANDA

## técnicas utilizadas

Caixa de sapatos, pintura com pincel, graffiti e dobragem de arame:  
*exterior do planeta*

Pintura com esponjas em cartolina preta, pintura com lápis de cera e recorte, folha com pintura de pente:  
*interior do planeta*

Pintura por salpico:  
*árvores*

Desenho/ pintura com lápis de aguarela  
*peixes*

Pasta de papel:  
*vales*



***Ao aproximar-se do planeta, viu que nos seus vales saltitavam graciosos animais das mais variadas espécies, enquanto uns homenzinhos minúsculos, um bocadinho ridículos mas muito engraçados, andavam a podar as árvores, a dar de comer aos pássaros, a desbastar as ervas, ou então nadavam tranquilamente em rios e regatos de águas tão transparentes que se podia ver lá no fundo uma infinidade de peixes multicolores.***

# // bibliografia comentada

TEXTO: ANA MARIA FERNANDES

26

**RODRIGUES, DALILLA D'ALTE. A Infância da Arte, a Arte da Infância. Lisboa, Asa, 2002. ISBN 9789724127477**

Este livro é um estudo que nos fornece informação sobre a História da Arte desde a Pré-História aos dias de hoje. A autora alerta-nos para os aspetos da imaginação criadora da criança e do adolescente e dedica espaço à experimentação de técnicas.

**DESNOETTES, CAROLINE. Olhar a Pintura através dos séculos. Lisboa, Kalandraka, 2007. ISBN 9789728781644**

Uma obra para olhar 18 obras de arte. Cada página revela-nos uma obra de arte de forma lúdica. Observar, descobrir e brincar, levar as crianças a criar gosto pela arte e a saberem pormenores sobre cada uma das obras abordadas.

**Cadernos de Educação de Infância - APEI. ISSN 2182-8369 (n.º 49, n.º 93, n.º 23, n.º 99, n.º 96, n.º 89, n.º 95).**

Apontamentos e artigos sobre educação e arte no Jardim de Infância, fruto de vivências e experiências feitas em contexto de sala.

Foto: Livros científicos na biblioteca do Merton College, Oxford  
Fonte:  
<http://gallery.spacebar.org/f/a/photo/viewpic/1/519/1/>